

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Lisiane Mattei

**OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR DIANTE DA VIOLÊNCIA EM
UMA ESCOLA ESTADUAL DE TRINDADE DO SUL/RS.**

**Tio Hugo, RS
2018**

Lisiane Mattei

OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR DIANTE DA VIOLÊNCIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TRINDADE DO SUL/RS.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional.**

Orientador: Belkis Souza Bandeira, Dra.

**Tio Hugo, RS
2018**

Lisiane Mattei

OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR DIANTE DA VIOLÊNCIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TRINDADE DO SUL/RS.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Aprovado em 01 de dezembro de 2018:

BELKIS SOUZA BANDEIRA, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

MARLIZE DRESSLER, Ms. (EXTERNO)

MARCOS BRITTO CORRÊA, Ms. (EXTERNO)

LUCIANA BAGOLIN ZAMBON, Dr. (UFSM)

Tio Hugo, RS
2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meus pais Irani Valdir Mattei e Noricler Marcia Mattei, meu esposo Andrivan Rissotto Zanguebuch e principalmente a minha filha Andrieli Zanguebuch.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte inesgotável de infinita bondade e amor.

Aos meus familiares pelo incentivo e apoio durante toda essa trajetória, principalmente a minha filha que abdicou de minha companhia diversas vezes para que esse projeto fosse concluído com sucesso. Amo vocês infinitamente.

Agradeço a minha amiga e colega Cidinéia Bortoli que esteve presente em todos os momentos, me ouvindo e incentivando. Obrigada pelo carinho e apoio.

Agradeço em especial à professora doutora Belkis Souza Bandeira pelo carinho, dedicação e paciência durante a realização desse trabalho. Suas contribuições foram essenciais para a realização dessa pesquisa e conclusão dessa pós-graduação. Obrigada por tudo.

RESUMO

OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR DIANTE DA VIOLÊNCIA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TRINDADE DO SUL/RS.

AUTORA: Lisiane Mattei

ORIENTADORA: Prof. Dr. Belkis Souza Bandeira

A escola é um espaço onde crianças e adolescentes convivem diariamente, ocorrendo interação entre os sujeitos que a frequentam e essas interações têm se tornado cada vez mais conflitantes e gerado um quadro de violência que vem se intensificando nos espaços escolares nos últimos anos, se tornando um dos grandes desafios para equipes gestoras, muitas vezes, extrapolando suas condições em atender. A partir da aplicação de um questionário, em uma escola da Rede Pública de ensino do Município de Trindade do Sul/RS, discute-se o contexto de violência e o olhar do corpo docente e da equipe gestora frente a esse problema. O objetivo da pesquisa foi analisar, sob o olhar dos gestores escolar e professores, quais os casos mais comuns de violência escolar e quais os possíveis fatores que levam a esta violência. O estudo objetiva, também, analisar as contribuições do gestor escolar ao ambiente, diante das mudanças na sociedade e da violência que se instalou dentro das escolas. Os dados mostram um número significativo de casos de violência psicológica como agressão verbal e *bullying* entre alunos. Os professores acreditam que a presença da família na escola é um fator determinante no combate à violência. Além disso, os gestores escolares acreditam que a violência interfere em sua prática e alegam, também, uma sobrecarga de trabalho devido aos comportamentos de indisciplina e de violência entre alunos.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Violência. Políticas Educacionais. CIPAVE.

ABSTRACT

THE CHALLENGES OF SCHOOL MANAGEMENT IN RESPECT OF VIOLENCE IN A STATE SCHOOL OF TRINDADE DO SUL / RS.

AUTHOR: Lisiane Mattei

ADVISOR: Prof. Dr. Belkis Souza Bandeira

The school is a space where children and adolescents live daily, interaction between the subjects that attend it and these interactions have become increasingly conflicting and generated a situation of violence that has been intensifying in the school spaces in recent years, becoming a of the great challenges for management teams, often extrapolating their conditions to meet. Based on the application of a questionnaire, a context of violence and the view of the teaching staff and the management team regarding this problem are discussed at a public school in the city of Trindade do Sul / RS. The objective of the research was to analyze, under the eyes of school administrators and teachers, which are the most common cases of school violence and what are the possible factors that lead to this violence. The study also aims to analyze the contributions of the school manager to the environment, given the changes in society and the violence that has taken place within schools. The data show a significant number of cases of psychological violence such as verbal aggression and bullying among students. Teachers believe that the presence of the family in school is a determining factor in the fight against violence. In addition, school managers believe that violence interferes with their practice and also alleges an overload of work due to behaviors of indiscipline and violence among students.

Key words: School Management. Violence. Educational Policies. CIPAVE.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipos de violência que mais ocorrem na escola.....	35
QUADRO 2 – Medidas adotadas pela escola nos processos disciplinares de combate à violência.....	36
QUADRO 3 – Ações mais eficazes no tratamento da violência escolar.....	37

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tempo de atuação dos professores na escola pesquisada.....	35
TABELA 2 – Identificação da equipe gestora.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS

CIPAVE	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar
CPM	Circulo de Pais e Mestres
CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
RAE	Rede de Apoio à escola
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	14
2.2 CENÁRIO DA PESQUISA.....	15
2.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	16
2.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	16
2.5 TRATAMENTO DOS DADOS.....	18
3 GESTÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	19
3.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA.....	19
3.2 FATORES QUE PODEM SER CAUSADORES DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	22
3.3 ATUAÇÕES DA EQUIPE GESTORA NO COMBATE A VIOLÊNCIA.....	28
3.4 AÇÕES DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.....	30
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	34
4.1 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA SOB A VISÃO DOS PROFESSORES.....	34
4.2 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA SOB A VISÃO DA EQUIPE GESTORA.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	49
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS.....	50
APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES.....	52
APÊNDICE 4 – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....	55
APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS.....	56
APÊNDICE 6 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.....	58

1 INTRODUÇÃO

A escola é um espaço onde crianças e adolescentes convivem diariamente e por isso, deixa marcas. Observa-se diariamente nos jornais e revistas os casos de violência que estão adentrando nas instituições de ensino, instaurando um cenário de medos e incertezas. O que tem preocupado gestores e professores são quais as marcas que essas instituições, criadas para educar, vão deixar para essas crianças e adolescentes?

A escola

As escolas têm como tarefas a educação, o ensino e a aprendizagem dos alunos em relação a conhecimentos, procedimentos, valores, tarefas que se cumprem pelas atividades pedagógicas, curriculares e docentes. Tem seu papel na educação das crianças, não apenas de transmissora de conhecimento e saberes técnicos, mas como um espaço onde se prioriza o relacionamento humano, o trabalho coletivo, a interação entre sujeitos visando a construção de valores humanísticos que gerem atitudes de bem viver em comunidade, desenvolvendo atitudes de respeito, de escuta e de equilíbrio mental.

As relações interpessoais podem ser tanto respeitadas quanto conflitantes. Têm-se relatos de relações conflitantes desde o surgimento da humanidade, quando ainda era necessário caçar para obter alimentos. Cenas de violência foram sendo mostradas ao longo de toda a história da humanidade. Sendo assim, percebe-se que os conflitos fazem parte da natureza do homem e são os conflitos que se observa uma oportunidade de mudança no comportamento dos envolvidos.

A necessidade de discussão e de aprofundamento teórico sobre a educação na família e na escola tem sido unânime entre os educadores, envolvendo professores, pais, equipe pedagógica e diretiva, comunidade escolar e pesquisadores da área educacional.

A prática educativa não se resume nos educadores, mas num processo social envolvendo todos os agentes, na busca de uma educação de qualidade. A escola além de se comprometer com o conhecimento teórico busca a formação integral, incluindo-se valores e atitudes, sentimentos e emoções, e é de suma importância a participação das famílias, que precisam estar cientes, acreditarem e envolverem-se no trabalho da instituição.

O que se sabe é que a escola é capaz de gerar novos sujeitos éticos, políticos e socialmente capazes de viver no imaginário e na prática um novo modo de vida. Desse modo, a escola, através dos projetos, busca trazer a comunidade para o contexto escolar, a fim de que haja um elo de contribuição e de saberes na perspectiva da transformação social.

Atualmente, as instituições de ensino (públicas e privadas) que são espaços para a disseminação de valores e a construção do cidadão, vêm presenciando cenas de violência quase que diariamente. Convém lembrar que quando se fala de violência não implica somente violência física e sim todo o tipo de violência, como indisciplina, dano ao patrimônio, violência psicológica, *bullying*, *ciberbullying* entre outras.

Com o entendimento de que o gestor escolar deve ter compromisso com a aprendizagem escolar é que se desenvolveu a presente pesquisa, intitulada “Os desafios da gestão educacional diante da violência escolar em uma Escola Estadual de Trindade do Sul/RS.” e tem como objetivo fazer uma breve abordagem da violência, conceituando-a e apontando possíveis fatores que levam a essa prática. Busca abordar diferentes situações de violência que acontecem nas instituições escolares, refletindo a abrangência dessa violência que ultrapassa os muros da escola e atinge toda comunidade escolar.

O objetivo desta pesquisa é analisar, sob o olhar dos gestores e professores, quais os casos mais comuns de violência escolar e quais os possíveis fatores que levam a esta violência. Objetiva, também, analisar as contribuições do gestor escolar ao ambiente escolar, diante das mudanças na sociedade; mudanças sociais, políticas, tecnológicas que desafiam as escolas e surgiram como um problema da sociedade, com suas diferentes manifestações e que vem crescendo descontroladamente e assustam nossos administradores escolares e constituem um obstáculo na educação.

Para que esses objetivos fossem atingidos, foi realizada uma pesquisa em uma Escola Estadual do município de Trindade do Sul/RS. Foram questionados gestores, coordenadores pedagógicos e professores que atuam em todos os níveis de ensino ofertados pela escola (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA), buscando conhecer os casos de violência ocorridos na escola, quais as medidas adotadas nessas situações analisando se essas medidas de combate à violência estão sendo eficazes, conscientizando os alunos e auxiliando na promoção da paz.

A pesquisa que se apresenta está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo faz uma revisão bibliográfica alicerçada em vários estudos teóricos, sobre o objetivo de compreender alguns pressupostos que fundamentam o conceito de “violência escolar”, bem como também, apreender conceitos e concepções como agressividade, disciplina, indisciplina. Também visa identificar e analisar os fatores desencadeadores da violência escolar e suas consequências ao processo ensino e aprendizagem. Reflete também, o papel dos gestores escolares, supervisores e orientadores no combate a violência apresentando medidas que foram e/ou

estão sendo realizadas nas escolas do estado a fim de minimizar e/ou acabar com esses conflitos.

O segundo capítulo trata da metodologia utilizada na elaboração dessa pesquisa, apresentando o cenário em que a pesquisa foi realizada, os sujeitos participantes, os métodos utilizados para construção dos dados e o método que foi utilizado para a análise dos dados obtidos.

O terceiro capítulo apresenta os resultados que foram obtidos com a pesquisa e estabelece uma relação com as referências bibliográficas já apresentadas no primeiro capítulo, propondo ações e métodos mais eficazes de combate à violência escolar e faz uma discussão acerca dos desafios que os gestores escolares vêm enfrentando para que a escola se mantenha como um ambiente tranquilo e agradável, de ensino e aprendizagem, sem nenhuma interferência que não seja positiva nesse processo, ressaltando, a importância de manter toda a comunidade escolar envolvida nesse processo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Estudo na área da educação requer tratamentos diferentes das áreas científico-convencionais. Pesquisar em educação requer analisar contextos, situações e práticas, buscando levantamento de hipóteses e por vezes, resolução de problemas. No campo educacional, deve ser levado em consideração o ambiente em que ocorre a pesquisa e, principalmente, os sujeitos envolvidos no processo, pois os resultados variam com a mudança de ambiente ou sujeitos, podendo uma prática ser adequada em um lugar e inadequada em outro.

Há os que dizem que as ciências sociais sequer seriam ciência, pois seriam cercadas de subjetividade e imprevisibilidade. Gil aponta quatro argumentos para isso

- a) Os fenômenos humanos não ocorrem de acordo com uma ordem semelhante à observada no universo físico, o que torna impossível a sua previsibilidade.
- b) As ciências humanas lidam com entidades que não são passíveis de quantificação, o que torna difícil a comunicação dos resultados obtidos em suas investigações.
- c) Os pesquisadores sociais, por serem humanos, trazem para as suas investigações certas normas implícitas acerca do bem e do mal e do certo e do errado, prejudicando os resultados de suas pesquisas.
- d) A ciência se vale fundamentalmente de método experimental, que exige, entre outras coisas, o controle das variáveis que poderão interferir no fenômeno estudado. Os fenômenos sociais, por outro lado, envolvem uma variedade tão grande de fatores, que tornam inviável, na maioria dos casos, a realização de uma pesquisa rigidamente experimental. (Gil, 1999, p. 22).

Dessa forma é importante analisar todo o contexto em que a pesquisa será realizada e a sua relevância para a sociedade. Para André (2001, p. 59) faz-se fundamental que os trabalhos deste campo de pesquisa “apresentem relevância social, ou seja, estejam inseridos num quadro teórico em que fique evidente sua contribuição ao conhecimento já disponível e a opção por temas engajados na prática social”.

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa será qualitativa que segundo Santos (2000) é aquela pesquisa cujos dados só fazem sentido através de um tratamento lógico secundário, feito pelo pesquisador.

Robert Bogdan e Sari Biklen (1994) caracterizam a investigação qualitativa como fonte direta de dados no ambiente natural, constituindo-se o pesquisador no instrumento principal; é uma pesquisa descritiva, em que os investigadores, interessando-se mais pelo processo do que pelos resultados, examinam os dados de maneira indutiva e privilegiam o significado.

Moresi ainda define que, na pesquisa qualitativa “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente” (MORESI, 2003, p. 8).

A pesquisa se classifica como pesquisa de campo, foi realizada uma investigação do local com observações e será aplicado um questionário à equipe gestora como forma de obter dados mais consistentes sobre a violência no âmbito escolar.

Pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não (MORESI, 2003, p. 8).

Realizou-se estudo exploratório, de abordagem qualitativa, considerando que esta possibilita maior aproximação com o cotidiano e as experiências vividas pelos próprios sujeitos.

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse (PONTE, 2006, p.2).

2.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O contexto no qual se desenvolveu a pesquisa foi uma Escola de Ensino Médio, da Rede Estadual de ensino, do município de Trindade do Sul, interior do Estado do Rio Grande do Sul.

A opção pela Escola deu-se em virtude de ser a maior do município e a única que atende o Ensino Médio, atendendo 437 alunos distribuídos entre cinco turmas do ensino fundamental séries iniciais (1º ao 5º ano), 4 turmas das séries finais (6º ao 9º ano), 8 turmas do ensino médio (1º ao 3º ano) e 2 turmas de EJA – Ensino Médio sendo uma multisseriada. Conta com 52 professores, sendo 44 professores atuantes em sala de aula, os demais estão na gestão, coordenação pedagógica, financeiro e biblioteca. Dois professores estão afastados por laudos médicos. Possui 7 servidores, uma monitora e duas secretárias.

A Escola está localizada na região central do município e os alunos que frequentam a escola vêm de todos os bairros da cidade e de comunidades do interior, resultando em uma diversidade muito grande de alunos, com diferentes realidades sociais e econômicas.

A Escola conta com 10 salas de aula permanentes, sala digital, duas salas audiovisuais, biblioteca, sala de Atendimento Educacional Especializado- AEE, sala de professores, Coor-

denação pedagógica, financeiro, direção, secretaria, cozinha, refeitório e banheiros. Conta também com um depósito de materiais em geral, depósito de livros didáticos inutilizados e lavanderia.

No ambiente externo a Escola possui um amplo pátio aberto com parquinho para as crianças além de um ginásio fechado e coberto para as práticas de educação física e eventos promovidos pela escola.

Assim, a escola oferece aos seus alunos, um ambiente muito diversificado de estudo e integração social, sendo difícil aos monitores e professores e gestores cuidar de tudo o que acontece nos momentos de integração como chegada à escola, intervalo e saída.

2.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes do estudo foram: a diretora da escola, os vice-diretores e os coordenadores pedagógicos dos três turnos em que a escola funciona.

Foram questionados também 20 professores, atuantes em todas as séries e modalidades de ensino ofertadas pela escola.

2.4 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

As etapas realizadas para iniciar o trabalho na Escola foram, primeiramente o contato e a apresentação da pesquisa, por meio da Carta de Apresentação (APÊNDICE 1), quando foi realizado o primeiro contato com a equipe gestora e coordenação da escola para fins da presente pesquisa. Após este primeiro contato também foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para gestores e professores (APÊNDICES 2 e 3), assinado por todos os participantes da pesquisa, demonstrando interesse e disponibilidade em responder ao questionário, posteriormente entregue. E o Termo de Confidencialidade (APÊNDICE 4), assinado em que a pesquisadora se compromete em utilizar as informações colhidas apenas para fins da presente pesquisa acadêmica, garantindo também o anonimato da instituição e dos colaboradores que participarem do estudo.

Duarte (2002) menciona que, ao iniciar uma pesquisa qualitativa quase sempre há a necessidade dentre outros instrumentos, da aplicação de questionários. Para o presente estudo, a opção será a aplicação de questionários com perguntas abertas, e direcionadas a temática da gestão escolar e da violência na escola. Gil (1999, p. 1), define questionário como “[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresenta-

das por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc”.

O momento da formulação das questões é, por vezes, mais importante do que as respostas que serão obtidas. O questionário pode buscar resposta a diversos aspectos da realidade. As perguntas, assim, poderão ter conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros. Gil (1999) destaca o seguinte:

- a) as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
- b) deve-se levar em consideração o sistema de preferência do interrogado, bem como o seu nível de informação;
- c) a pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
- d) a pergunta não deve sugerir respostas;
- e) as perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez. (GIL, 1999, p. 132).

O questionário aplicado aos coordenadores pedagógicos, diretores, vice-diretores (APÊNDICE 5) se divide em duas partes onde a primeira, questiona uma identificação do sujeito da pesquisa, questões referentes a idade, formação e tempo de trabalho na escola. A segunda parte é composta de perguntas abertas referentes a opinião do pesquisado sobre as relações de violência que ocorrem na escola e as influencias da mesma no ensino/aprendizagem e no trabalho do gestor na escola. Perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente.

O questionário aplicado aos professores (APÊNDICE 6), também se divide em duas partes, onde a primeira questiona sua efetivação ou não na escola, tempo de docência e tempo de serviço na escola pesquisada. A segunda, composta de perguntas fechadas questiona sobre a percepção do professor com relação a violência na escola e as formas adotadas no seu combate, ao final o professor é convidado a opinar sobre a melhor forma de combater a violência escolar.

A opção por esta ferramenta de produção de dados justifica-se por proporcionar maior liberdade aos participantes da pesquisa para responder às perguntas, transparecendo realmente as percepções pessoais de cada profissional, sem pressão de tempo, intervenções físicas (alunos, telefone, outros compromissos...).

O questionário foi formado por perguntas que tinham relação com os objetivos e direcionadas para o que o pesquisador quer saber.

2.5 TRATAMENTO DOS DADOS

Após a aplicação dos questionários, foi necessário analisá-los, a fim de interpretar seus resultados e estabelecer uma relação entre a teoria estudada. Para tal procedimento, utilizou-se o método de análise de conteúdo, um instrumento de análise interpretativa que busca a compreensão e verificação do objeto de pesquisa. Para Bardin (2004, p. 18) esta é “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

Para Bardin, (2004) deve existir neste método uma preocupação na reunião das amostras de modo sistemático, sendo que o pesquisador necessita questionar-se a respeito da validade e da fidelidade dos procedimentos e dos resultados, inclusive, procurar medir a produtividade e a viabilidade da análise e dos resultados que trouxe a nível social e acadêmico.

Esta abordagem busca justificar a teoria e sua relação com a prática e elencar resultados e conteúdos, por vezes até implícitos nas mensagens analisadas. É uma verificação por meio de saberes e de percepções de quem faz parte do grupo e do contexto de pesquisa. Para Oliveira, (2003):

[...] a abordagem de análise de conteúdo tem por finalidade, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou os efeitos dessa mensagem (OLIVEIRA, 2003, P. 3-4).

Para Oliveira (2003, p. 6) “o objetivo de toda análise de conteúdo é o de assinalar e classificar de maneira exaustiva e objetiva todas as unidades de sentido existentes no texto”, além de fornecer indicadores úteis aos objetivos da pesquisa. Os dados obtidos podem ser interpretados pelo pesquisador articulados ao contexto de pesquisa, bem como da instituição a qual provém.

3 GESTÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR

3.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

A palavra violência deriva do Latim “violentia”, que significa “veemência, impetuosidade”. Está relacionada com o termo “violação” (violare) que remete a vis (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força vital). É definida como o uso da agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico (ZALUAR, 1999, p. 32). A violência se manifesta de diversas maneiras, em guerras, torturas, conflitos étnico-religiosos, preconceito, assassinato, fome, etc.

Pode-se constatar que o ser humano não é violento por natureza, pois desde tempos primordiais ele tem demonstrado esta característica, conforme defende o filósofo inglês Thomas Hobbes.

Segundo a teoria de Hobbes, se o homem já nasce mau, ele não sabe viver em sociedade e precisa de um estado autoritário, que dite as regras, as normas de convivência. Esta tese da uma visão de que o homem não tem pretensão de ser social. Ele é mau, o que causa insociabilidade. “Para se tornar social, é preciso formar um novo pacto, um novo acordo entre homens, para que eles possam renunciar à coisa mais importante num estado de selvageria, que é a liberdade” (MEDEIROS, 2013, P. 01).

Áurea M. Guimarães (1990) defende que a violência deve ser estudada em sua pluralidade, em que esta seria o resultado da ação recíproca entre os indivíduos e por isto, não só adquire diferentes modulações em diferentes momentos históricos, como também estabelece regularidades que apontam para a constância de sua manifestação.

De acordo a Abramovay (2002), nenhum conceito sobre a definição de violência escolar chega a ser consensual entre os pesquisadores, devido ao fato de que o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos, pais...), da idade e do sexo, depende do lugar, do tempo e dos atores que a examinam, para que seja possível encontrar uma conceitualização mais apropriada.

De acordo com as legislações vigentes a escola deve ser um ambiente protegido e de respeito mútuo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Nº 9394/96) preconiza que as escolas (instituições de ensino) tem sua função de proteger, educar e socializar o indivíduo.

Conforme o Art. 2 da LDB, a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei Federal Menino Bernardo (Lei Nº 13.010), que entrou em vigor no dia 27 de junho de 2014, proíbe o emprego de castigo físico e de tratamento cruel ou degradante contra meninos e meninas. Essa Lei reitera o texto do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), coibindo qualquer ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física, que resulte em sofrimento físico ou lesão. Proíbe também condutas que humilhem, ameacem gravemente ou ridicularizem crianças e adolescentes.

Mesmo a escola sendo um ambiente de promoção da cidadania e do respeito mútuo, muitos jovens estão sendo vítimas de violência física e psicológica enquanto frequentam esses ambientes.

A violência não ocorre somente em sala de aula, ela ultrapassou os muros das escolas, como no caso dos tiroteios e mortes que ocorrem nos arredores das escolas, causando nos alunos (as) dificuldades de concentração, medo, favorecendo a falta de interesse pelos estudos e tornando-se um problema não somente da educação e sim, de segurança pública.

Abramovay e Rua (2002, p.29), ressaltam que:

Uma grande mudança resulta do fato de que as escolas e suas imediações deixaram de serem áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana no espaço urbano. Ademais, as escolas deixaram de certa forma, de ser um lugar seguro e protegido para os alunos e perdeu grande parte de seus vínculos com a comunidade. (ABRAMOVAY E RUA, 2002, p. 29).

Bianchi (2017) apresenta dados levantados a cerca da quantidade de escolas localizadas na cidade do Rio de Janeiro/RJ que, devido a violência em torno dessas instituições, tiveram as suas aulas canceladas no começo do ano letivo de 2017:

Em média, mil alunos por dia de 439 unidades escolares municipais não puderam nem ir à escola na cidade do Rio de Janeiro desde o começo do ano letivo de 2017 por conta da violência... Segundo a secretaria da Educação ao todo 157.920 alunos ficaram sem aula do início do mês de fevereiro ate o final de outubro (BIANCHI, 2017, p. 01).

Quando a violência chega à sala de aula é porque ela também esta posta na sociedade, quando questionamos o fato de muitas salas de aulas terem indisciplina é porque existe uma sociedade habituada a não respeitar totalmente as leis vigentes no País, uma via de mão dupla, e que impacta a sociedade e instituições.

Essa problemática vem se reproduzindo de forma muito intensa nos ambientes escolares, que são espaços que instruem o cidadão para que ele construa seu caminho e consiga conviver de forma harmônica em sociedade.

Aliada as condições precárias com que se expandiu o ensino público, o professor encontra uma sala de aula diversificada, múltipla e desigual, além da violência que muitas vezes faz parte do seu cotidiano, seja através de ameaças ou de agressões físicas e verbais por parte dos alunos (as), o que acaba tornando-se, às vezes, também um grande desestímulo para esses profissionais, principalmente quando não se sabe como lidar com essas situações de violência (ALVES, 2002).

Alves (2002) ressalta a violência não faz parte de nenhum currículo, mas o professor deve ter sensibilidade, capacidade de pensar outras coisas que não sejam os conteúdos. Se ele for extremamente competente só na sua disciplina, será incapaz de responder às questões provocadas pela onda de violência. Para o autor, a grande pergunta é se estão formando educadores com competência para lidar com situações não previstas.

Nesse sentido é necessário que professores e gestores analisem suas práticas e levem muito em consideração as questões sociais que seus alunos estão inseridos. Barretto (2010, p. 440) ressalta que os problemas de indisciplina e violência que penalizam um crescente número de escolas apontam para o fato de que hoje é o próprio professor que tem de se fazer respeitar e de conquistar a sua legitimidade junto aos alunos, condição fundamental para que possa exercer as suas funções pedagógicas. E para tanto ele precisa lançar mão de novas formas de convencimento, o que requer outra concepção de preparo e desempenho profissional.

Para uma melhor compreensão das causas de tanta violência e para auxiliar professores e gestores no combate a essa violência é importante que se dê atenção especial para agressores e agredidos no ambiente escolar. Para isso é necessário observar com atenção as relações interpessoais que ocorrem e reconhecer esses sujeitos para poder ajudá-los a resolver os conflitos logo que se iniciam, assegurando que a escola seja um lugar tranquilo e seguro.

As formas de agressões nas escolas são causadas por sentimentos de raiva, ressentimentos, exclusão e até pressão grupal e cabe questionar quem são os agressores, e o que motiva a este comportamento.

Cidade (2008, p. 24) atenta para o fato que muitas vezes o agressor não age sozinho, mas com a cumplicidade de outros colegas, que se tornam seus seguidores por também se sentirem ameaçados. Percebem-se ainda, casos em que o agressor já fora vítima do *bullying* e por tal motivo tornou-se praticante deste.

De acordo com Fante (2005), as vítimas típicas são aquelas que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos ou tímidos e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. Geralmente apresentam aspecto físico mais frágil, algum traço ou característica que as diferencia dos demais. Demonstram insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, baixa autoestima, dificuldade de autoafirmação e de auto expressão, ansiedade, irritação e aspectos depressivos.

E o perfil de um agressor muitas vezes é um intimidador, que discrimina o outro que não se coloca no lugar do outro, sem empatia, este na grande maioria das vezes não tem afetividade na família (CANCELIER, 2013).

Nem sempre os intimidadores provêm de ambientes sociais carentes e o baixo desempenho escolar não parece ser um fator preponderante. No entanto o ambiente familiar geralmente é identificado como sendo de algum modo “difícil” ou “perturbado”, e é frequente que essas crianças tenham sido submetidas a violência doméstica (CANCELIER, 2013).

Alguns alunos vítimas de intimidação tendem a cabular as aulas, ao invés de enfrentar o intimidador, e a ter problemas de concentração quando vão à escola (SHARP, 1995, 1996 *apud* DEBARBIEUS, 2002, p. 73).

Assim as consequências da intimidação por colegas podem fazer os problema serem graves ou até mesmo fatais e, no caso de muitos alunos, elas contribuem para o desinteresse pela escola, faltas em excesso, e também para o baixo nível de desempenho escolar.

O que ainda é questionável é o que motiva os alunos a agirem com violência entre seus colegas e professores. Existem vários fatores que podem levar a esse comportamento. A seguir são apresentados alguns fatores geradores de violência, mais praticados por alunos nas escolas.

3.2 FATORES QUE PODEM SER CAUSADORES DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Esse é um tema vasto e abrangente, pois novas formas de violência aparecem na escola todos os dias. As agressões cotidianas, os atos de “pequenas” delinquências se multiplicam, portanto, não se pode tratá-los a partir de uma única causa, pois essas violências podem estar relacionadas a vários motivos.

Diante de um quadro cotidiano de violência é preciso diálogo seja na família ou na comunidade, uma vez que a escola não é a única responsável pela solução do problema, mas toda a sociedade, incluindo as autoridades públicas responsáveis.

Viana (2002) defende que entender a violência exige conhecimento de suas causas e é necessário fazer o levantamento da situação atual, de forma a contribuir com o corpo gestor escolar e com a sociedade em geral, na verificação dos problemas relacionados com esta violência e na viabilidade de possíveis soluções.

De forma geral, observa-se que as agressividades reproduzidas por alunos podem estar relacionadas ao que eles presenciam ou vivem dentro do convívio doméstico, familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente.

Outro fator importante de se levar em consideração nesse processo é a privação. Ela pode ocorrer em todas as esferas, desde afeto até privações de bens materiais necessários ao seu desenvolvimento.

Segundo Silva (2004) alguns fatores como carência afetiva, falta de cidadania e modelos positivos, podem contribuir para que crianças e adolescentes cometam violência e se transformem em criminosos. Devido à ausência de afeto, as crianças podem recorrer à violência como forma de chamar atenção para receber afeto.

Vários são os fatores que podem ser causadores da violência, a privação de afeto e bens materiais como já citado, o desinteresse pela escola e sua doutrina, *bullying* e até mesmo o *bullying* causado na internet e redes sociais, *cyberbullying*, que acabam desencadeando em violência dentro das escolas.

Em pesquisa realizada em diversas escolas, Debarbieux (2002) concluiu que crianças das zonas urbanas centrais e das áreas de baixas condições econômicas são as que correm os maiores riscos de vir a se desinteressar pela escola.

Por décadas repetiu-se o discurso de que o aluno abandonava a escola para trabalhar, mas uma pesquisa de 2009 da Fundação Getúlio Vargas (NERI, 2009) mostrou, com base nos dados da Pnad de 2006, que 40,3% dos jovens de 15 a 17 anos tinham abandonado os estudos por falta de interesse.

Essa falta de interesse está na raiz do diagnóstico de muitos educadores de que é preciso mudar o currículo do ensino médio. Falta de foco, com excesso de conteúdo e ausência de contextualização estão entre as críticas mais frequentes. Mas existe também um problema conceitual, um exemplo disso são as aulas sem participação dos alunos, que se limitam a ouvir palestras dos professores e, quando muito, anotam o que foi escrito na lousa (KARPINSKI, 2014).

Ainda de acordo com Karpinski (2014), com a falta de interesse, esses adolescentes estão frequentando a escola por pressão de pais e/ou familiares e pressão também do conselho

escolar que faz cumprir uma lei nacional que diz que toda criança em idade escolar deve obrigatoriamente frequentar as aulas regularmente.

Todos esses fatores fazem com que o aluno assuma comportamentos inadequados, desentendendo-se com professores e colegas e sentindo-se obrigado a estar em um ambiente que para ele não é importante.

Para KUPFER (1995, p. 79), “[...] o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento”, ressaltando o porquê da sua importância. Os alunos precisam ser provocados, para que sintam a necessidade de aprender, e não os professores “despejarem” sobre suas cabeças noções que, aparentemente, não lhes dizem respeito. A forma de apresentar o conteúdo, portanto, pode agir em sentido contrário, provocando a falta de desejo de aprender que seria, para os alunos, o distanciamento que se coloca entre o conteúdo e a realidade de suas vidas. Quando o aluno não percebe de que modo o conhecimento poderá ajudá-lo, como desejará algo que lhe parece inútil?

Pode ser também por sentimentos de frustração levando a se afastar por mau comportamento. Muitos alunos desinteressados algumas vezes tem uma atuação de indisciplina, para chamar atenção, ter status aos demais colegas.

Uma criança que se sinta cronicamente diminuída em meio à competição da sala de aula pode sentir que é justo acertar as contas lá fora, através de violência, roubo e outras formas de ilegalidade desafiadora (Wilson e Hernstein, 1998 *apud* DEBARBIEUS, 2002, P. 79).

Ferreira (2001) traz um problema muito atual nas escolas brasileiras que é a evasão escolar. Ele agrupa as causas da evasão escolar da seguinte maneira:

Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação, etc. Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc. Pais/responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc. Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues, etc. (FERREIRA, 2001, p. 33).

O que se pode destacar da citação desse autor é que o desinteresse e a violência caminham lado a lado, ou seja, quando ocorre o desinteresse, quase sempre ocorre violência ou a violência sofrida gera um desinteresse por parte do aluno.

Segundo Silva (1995) é natural o jovem se rebelar contra a autoridade dos pais, contra a escola, e contra a sociedade e o sistema vigente. Esta rebeldia, no entanto, é muitas vezes multiplicada quando o sistema educacional, e os outros sistemas da sociedade de uma maneira

geral, são de baixo nível de qualidade. O jovem brasileiro sabe que a educação que lhe é oferecida é de má qualidade, assim como quase tudo que o cerca o é também.

Nesse sentido é necessário que o currículo ofereça oportunidades que proporcionem prazer ao aluno, fazer um acompanhamento pedagógico, orientar sobre o valor de ter o conhecimento, oferecer atividades que fazem o aluno despertar interesse e ter uma boa integração com os colegas e professores.

A sociedade vivencia a era da informação, sendo inevitável que as crianças e adolescentes sejam expostos ao grande volume de dados veiculados através da mídia. Diante deste fato, observa-se o surgimento de comportamentos de crianças e adolescentes que ainda se encontram em processo de formação e construção do caráter e acabam sendo influenciados e em alguns casos, manipulados por alguns veículos de informação que se presta a divulgar mensagens preconceituosas, discriminatórias e racistas.

Diante dessa conjuntura, a escola se torna o cenário perfeito para emergirem todos os tipos de manifestações sociais, mesmo aquelas que se baseiam no preconceito e na discriminação, como é o caso do *bullying*.

O *bullying* é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (BRASIL ESCOLA, 2010).

De maneira genérica, o *bullying* pode ser definido como “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento” (FANTE, 2005, p. 27).

Rocha, Costa e Neto (2013) também destacam que, para ser considerada *bullying*, a agressão deve ocorrer entre pares e que, apesar do fenômeno ser caracterizado como uma agressão, nem toda a agressão é classificada como *bullying*. Para ser dada como tal, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: intenção do autor em ferir o alvo; repetição da agressão; presença de público espectador; e concordância do alvo com relação à ofensa.

Existem diversas formas de *bullyng*, e tanto os meninos quanto as meninas se envolvem com este tipo de agressão, sendo que os meninos se destacam mais por serem mais agressivos e por usarem a força física. As meninas já usam esta forma de agressão, mas nem sempre são percebidas, pois as agressões normalmente são a base de intrigas, fofocas e isolamento.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) detalha todas as formas de *bullying*:

[...] verifica-se que a verbal compreende ações como: insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, zoar; a física e material, geralmente é manifestada através de agressões como: bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima; a psicológica e moral que é de difícil percepção, pois ocorre através de humilhação, exclusão, discriminação, chantagem, intimidação, difamação, entre outros, normalmente os agressores cuidam para que seus atos se mantenham ocultos para a maioria das pessoas; a sexual que compreende o abuso, o ato de violentar, assediar, insinuar, normalmente ocorre junto com atos de humilhação e violência; e por fim, com os avanços tecnológicos, surgiu e vem crescendo uma nova modalidade de agressão denominada de virtual ou *Cyberbullying*, que compreende o *bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, internet etc. (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2010, p. 07).

Pesquisadores apontam que normalmente os agressores, praticantes do *bullying* são os alunos líderes de turma, os mais populares, colocando apelidos e fazendo gozações com os mais contráidos, mais tímidos e até mesmo os que tem poderes econômicos menores que os demais.

O que se pode destacar é, no caso das vítimas, o comprometimento do processo de formação de sua identidade, baixa autoestima, medo de voltar à escola e sentimento de insegurança. Já em relação aos agressores, é comum observar a instalação de um quadro de baixa autoestima, o que ajuda a explicar o motivo de escolherem sempre vítimas mais frágeis.

Assim, é importante ressaltar que essa violência identificada no ambiente escolar não está restrita aos muros da escola, sendo o *bullying* considerado por um fenômeno social. Dessa forma, o *bullying* não pode ser compreendido fora da dinâmica da sociedade, uma vez que esse fenômeno está atrelado a fatores políticos, econômicos e culturais, não podendo, então, ser dissociado do contexto social, urbano, relacional e familiar no qual as crianças e adolescentes estão inseridos (SILVA; PEREIRA, 2008).

Enquanto o perfil dos agressores (*bullies*) é oposto, eles são populares na escola, são indisciplinados, manipuladores. Na família não são diferentes são agressivos, são arrogantes na maneira de vestir, falar.

O *bullying* não diferencia a instituição educacional, ou seja, ela esta presente nas escolas publica e particulares. Porém é nas escolas publicas que é mais forte a política de preven-

ção da tal agressão. Pois contam com o trabalho do conselho tutelar, delegacia da criança e adolescentes.

O *bullying* não se limita no Brasil, se apresenta de forma democrática, pois acontecem em todas as partes do mundo. Mas nos EUA o *bullying* é apresentado de forma mais violenta e mais grave, com homicídios coletivos, isso se deve a facilidade de jovens ter acesso a armas de fogo. É uma forma de vingança, ressentimentos dos alunos que já foram vítimas do *bullying*.

Outra forma de agressão que ganha cada vez mais espaços sem fronteiras é o *cyberbullying* ou *bullying* virtual. As provocações ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos). Pois se espalha em segundos e o efeito traz um imensurável sofrimento do agredido (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2010).

O assédio se abre a mais pessoas rapidamente devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais, invadindo os âmbitos de privacidade e segurança. Mason (2008) aponta que a cada 10 adolescentes, 8 usam a Internet em casa, o que significa que o cyberbullie pode agredir sua vítima quando não está na escola ou nas proximidades dela, e portanto o lar pode não ser mais um refúgio seguro e os agressores não precisam mais de um local físico para molestar a vítima.

Dessa forma, até mesmo uma criança ou adolescente que em público não se envolveria com o *bullying* pode vir a praticar o *cyberbullying*, tornando a situação da vítima ainda mais angustiante por ignorar quem, ou quantos, estão por trás dos ataques.

O *cyberbullying* ultrapassa os muros das escolas e expõe o agredido ao público. Os agressores desse modo de perversidade também se valem do anonimato e, sem nenhum constrangimento, atingem a vítima da forma mais vil possível. Os Traumas e as consequências vindo do *bullying* virtual são dramáticos, talvez irreversíveis (TOGNETTA, L.R.; BOZZA, 2010).

Os agressores utilizam de alguns critérios para a escolha dos agredidos onde muitas vezes a vítima é aquele aluno que tem uma baixa situação econômica, ou são alunos portadores de necessidade especiais, o perfil das vítimas são aqueles que apresentam timidez, inteligência superior aos demais, muito magras, acima do peso, de credo e de raça diferente. Na maior parte os agredidos não reagem aos ataques, acabam se isolando, desinteressados pela escola e estudos, e se transformam em reféns, pois sofrem calados por medo de reações, e para não decepcionarem os pais, por ter um filho fraco, covarde (TOGNETTA; BOZZA, 2010).

3.3 ATUAÇÕES DA EQUIPE GESTORA NO COMBATE A VIOLÊNCIA

A escola é um espaço de transformação social, que tem a função de formar cidadãos, conscientes, críticos e democráticos, criar pessoas inovadoras.

A constituição federal de 1988 traz a gestão escolar critérios para o combate a violência. Neste sentido, o gestor poderá contar com o apoio de membros externos à escola, com suas experiências e vivências pessoais e sociais, não menos importantes que experiências e vivências dos educadores, para alcançar com sucesso os objetivos estabelecidos, neste caso específico, o combate à violência escolar.

O gestor escolar também tem como apoio da lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Conforme o artigo 14 da referida lei a participação no conselho escolar na elaboração de projetos e a participação da comunidade escolar em conselhos escolar.

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (LEI DE DIRETRIZES E BASES, 1996, p. 05).

Este respaldo de leis da autonomia para os gestores procurarem uma parceria para realizar seus objetivos escolares.

Para Luck et al (2001), na década de 70 observou-se que sozinho, o gestor escolar não podia dar conta de todos os problemas e questões que envolvem a escola. Adotou-se, então, uma abordagem participativa, cujo princípio estipulava que, para ter sucesso, é necessário que o gestor escolar busque o conhecimento específico e a experiência de seus companheiros de trabalho.

Nesta perspectiva, Carneiro (2000, p. 77) destaca que “[...] as decisões centralizadas no diretor cedem lugar a um processo de resgate da efetiva função social da escola, através de um trabalho de construção coletiva entre todos os agentes da escola e, destes com a comunidade”.

Nesse sentido, a escola, como um todo, tem o papel de elaborar projetos voltados ao aluno em situação de violência com intervenção que incluam as particularidades.

As violências são inúmeras todos os dias, acontecem agressões, e cabe a gestão escolar atuar diante desta problemática, sendo um mediador, fazer diálogos entre os agressores, e através destas funções chegarem a uma solução de paz.

Lívia Maria Silva Licciardi, doutoranda em Psicologia Educacional, sugere duas maneiras de intervenções que devem ser aplicadas pelos gestores e sua equipe em situações de violência escolar.

A primeira, lados se apresentam ou são chamados para conversar com os mediadores - normalmente eles atuam em dupla para que a imparcialidade no encaminhamento do caso seja garantida - em uma sala reservada para esse fim. Eles ouvem as diversas versões, dirigem a conversa para tentar fazer com que todos entendam os sentimentos colocados em jogo e ajudam na resolução do episódio, deixando que os envolvidos proponham caminhos para a decisão final.

A segunda forma é utilizada quando acontece um problema coletivo - um aluno é excluído pela turma, por exemplo. Diante disso, o ideal é organizar mediações coletivas, como uma assembleia. Nelas, um gestor ou um professor pauta o encontro e conduz a discussão, sem expor a vítima nem os agressores. O objetivo é fazer com que todos falem, escutem e proponham saídas para o impasse. Assim, a solução deixa de ser punitiva e passa a ser formativa, levando à corresponsabilização pelos resultados (PADIAL, 2013, p. 02).

No âmbito escolar as agressões se refletem em sala de aula, pois este problema traz dificuldade para a escola. A escola tem um papel fundamental na prevenção da violência contra a criança e adolescente. Segundo Ristum (2009) a importância da escola é de prevenção a violência, muitos agredidos tem a instituição como uma proteção sendo que seu lar é onde estão os agressores, que são normalmente algum membro da família. Uma fonte de proteção, especialmente nos casos em que os familiares são os agressores, e as crianças e os adolescentes não encontram em outros membros da família a confiança e o apoio necessários para falar da violência que sofrem.

O educador diante de vítimas de maus tratos não deve se omitir, é dever de todos que trabalham com crianças e adolescentes, denunciar qualquer suspeita de agressão, seja ela qual for. Entretanto muitos educadores temem algum tipo de repressão, agressão e não o fazem. Muitos despreparados não assumem o seu papel de protetor.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que é dever da família, da sociedade e do Estado garantir que a criança esteja livre de qualquer tipo de violência.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, cruel e de opressão (BRASIL, 1990, P. 02).

É Considerado função da escola, entre tantas outras, de convocar e orientar pais, denunciar ao conselho tutelar e identificar a forma de violência que o aluno está sofrendo.

A opção pelo não envolvimento ou pela ameaça aos pais não ajuda na condução dos casos, podendo expor ainda mais a criança aos riscos de violência e afastar a família do ambiente escolar. Muitas escolas vivem em uma situação de risco fazendo seu papel de denúncia.

Temos uma visão de que a educação tem o poder de transformar a sociedade, que ela é a libertadora de todas as transgressões, mas segundo Alice Fernandes (2001) a sociedade está enferma e causa enfermidade, trazendo grandes transtornos que devem ser diagnosticados.

A função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou de outra, mas a forma como se instrumenta esta educação pode ter um efeito alienante ou libertador (PAIN, 1992, P. 12).

De acordo com Abramovay e Rua (2004), o primeiro passo para enfrentar o problema é avaliá-lo tal como ele se manifesta cotidianamente. Mas como abordar a repressão e o combate à violência com eficácia? Faz-se necessária a presença marcante e eficiente do gestor escolar como mobilizador e racionalizador de ações, visto que da sua forma de atuação como uma das peças chave do processo educativo da escola resultará o sucesso ou o fracasso dessa instituição e de seus membros. Suas experiências pessoais influenciarão nas experiências e nas ações coletivas.

3.4 AÇÕES DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Como meio de enfrentar a violência, organismos internacionais, governos, organizações não governamentais e escolas vêm empreendendo esforços no sentido de propor alternativas viáveis aos jovens que convivem com a violência no cotidiano. Entre essas iniciativas, encontram-se o programa “Abrindo Espaços: Educação e Cultura Para a Paz”, lançado pela UNESCO (2000), em parceria com os governos estaduais e municipais, que tem conseguido reduzir, a baixo custo por aluno, as violências em escolas e comunidades de baixa renda.

O projeto abrindo espaços-educação de cultura e paz tem como objetivo resgatar o interesse pela escola, que seja um lugar onde os alunos gostam de estar, que capacita professores e educadores a disseminar os valores e a prática de esportes nas escolas, como diversão e também como fator de resgate; com o acesso a atividades culturais, tais como a participação em grupos de dança, oficinas de grafite, hip hop e capoeira, entre outras; valoriza expressões da cultura nacional, a diversidade local e regional; com estas atividades a escola será um ponto atrativo aos jovens, este programa é oferecido nos finais de semana.

Segundo as avaliações do projeto do Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz, implantadas nos últimos quatro anos, demonstram que o Programa é bastante valorizado

pelos jovens, pelas famílias e comunidades onde se desenvolve, e também pela escola, pelo corpo docente e pelos dirigentes das secretarias de educação.

No Brasil muitas pesquisas afirmam que a escola é um lugar de constante tensão. A UNESCO desde o ano de 1997 coloca em prática uma série de iniciativas que pretende achar saídas viáveis. De acordo com os dados da UNESCO (MELLO; TRAJBER, 2007), podem ser destacadas duas áreas principais.

Primeira dessas áreas, a UNESCO, por meio de diversos estudos e pesquisas de nível nacional e regional, propôs-se a explorar em profundidade e ganhar familiaridade com alguns dos principais aspectos do fenômeno da violência e de sua ocorrência entre os jovens e nas escolas brasileiras. Nesse sentido, será dada particular ênfase aos projetos mais recentes da UNESCO. Um dos pontos altos desses projetos é o "Mapa da Violência III: os Jovens do Brasil". Outro deles é o estudo "Violência nas Escolas". Esses estudos e seus resultados sinalizam preocupação da UNESCO com o tema (MELLO; TRAJBER, 2007).

A segunda equivale na tentativa de colocar sugestões concretas, que tenham sido testadas, ser eficazes em todas as frentes políticas. O objetivo, aqui, é confrontar as consequências da violência sofrida ou praticada por jovens. Essa busca trata também da violência que ocorre num dos espaços de maior proeminência na vida cotidiana dos jovens. Esse espaço é o ambiente escolar (MELLO; TRAJBER, 2007).

Nessa tentativa de colocar sugestões concertas, apontadas por Mello e Trajber (2007), o Estado do Rio Grande do Sul implantou na Rede Estadual de ensino um projeto de prevenção de acidentes e violência escolar (CIPAVE), que havia sido testado na cidade de Caxias do Sul/RS.

A CIPAVE nasceu em Caxias do Sul, com a ideia principal de trazer para o debate todos os envolvidos no processo educativo dos alunos das escolas municipais. A proposta inicial era formar uma comissão interna na escola, para debater as questões que preocupavam a comunidade escolar, como a violência e os acidentes envolvendo os estudantes.

A partir destas comissões e suas constatações acerca dos problemas que preocupavam a escola, nasceu também a necessidade de formar uma "rede de apoio às escolas". Parcerias que as auxiliassem na resolução dos problemas como: uso de drogas no entorno da escola e comunidades violentas onde elas estavam inseridas. Formou-se assim um grupo de apoio com as demais entidades da região: Guarda Municipal, Polícia Civil, Brigada Militar, Corpo de Bombeiros, Conselho Tutelar, Polícia Federal e Ministério Público. Estes parceiros passaram a atuar junto às escolas do município, com palestras e ações concretas na resolução dos problemas que enfrentavam (CIPAVE, 2018).

No ano de 2015, com a inclusão da CIPAVE no acordo de resultados, a Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul colocou como prioritária a atuação, formação e implantação das comissões internas de prevenção a acidentes e violências nas escolas estaduais.

Muitas delas já estão atuando intensamente na resolução dos conflitos, formando a rede de apoio regionalizada e planejando novas ações com a participação de todos os envolvidos no processo educacional.

As CIPAVES têm como objetivos:

Incentivar as escolas no trabalho de prevenção através do mapeamento dos problemas enfrentados no passado e na atualidade.

Oferecer cursos em mediação de conflitos para tratar os problemas de ordem interna da escola e os relacionamentos interpessoais dos envolvidos no processo educacional.

Ajudar a escola ou a região em que ela está localizada a formar a rede de apoio junto às demais entidades públicas e privadas.

Trazer a comunidade para a escola e incentivá-la a participar das ações preventivas. Implantar a cultura da paz nas escolas (CIPAVE, 2018, P. 05).

As CIPAVES foram criadas a partir da Lei nº 14.030, sancionada em 26 de junho de 2012 e estabelece em seu artigo 2 as atribuições dessas comissões.

I - identificar os locais de risco de acidentes e violências ocorridos no âmbito escolar e arredores, fazendo mapeamento dos mesmos;

II - definir a frequência e a gravidade dos acidentes e violências ocorridos na comunidade escolar;

III - averiguar circunstâncias e causas de acidentes e violência na escola;

IV - planejar e recomendar medidas de prevenção dos acidentes e violências e acompanhar a sua execução;

V - estimular o interesse em segurança na comunidade escolar;

VI - colaborar com a fiscalização e observância dos regulamentos e instruções relativas à limpeza e à conservação do prédio, das instalações e dos equipamentos; VII - realizar, semestralmente, estudo estatístico dos acidentes e violências ocorridos no ambiente escolar, divulgando-o na comunidade e comunicando-o às autoridades competentes.

Ainda de acordo com a Lei 14.030/12 a CIPAVE será composta por representantes dos alunos, pais, professores, direção da escola e funcionários, respeitada a pluralidade, estando previsto um suplente para cada um dos titulares.

De acordo com o diagnóstico apresentado pelo CIPAVE, nos seis primeiros meses de 2016, houve redução de 16% nos casos de *bullying*, em comparação com o segundo semestre do ano passado. A Escola Erico Verissimo, de Lajeado, é destaque pelos resultados obtidos. "Com a implantação da Cipave, reduzimos em 85% os casos de *bullying* e drogadição, afastando os traficantes que vinham abordar nossos alunos", informa a diretora Denise Labres.

O relatório também indica redução em problemas como agressões físicas e verbais contra direção, professores e funcionários, assaltos na entrada e saída da escola, depredações e pichações, ocorrências de uso, posse ou tráfico de drogas e furtos e arrombamentos.

A coordenação do programa apresentará novos dados em dezembro. Os resultados dos indicadores de violência e indisciplina são coletados junto às escolas estaduais que têm CI-PAVEs.

Em nível local, outra forma de combater a violência e as drogas dentro das escolas, a polícia militar desenvolve um programa conhecido como PROERD (Programa Educacional de Resistência à violência e as drogas) que trabalha questões como autoestima e amor ao próximo, além das drogas; após dez lições, os alunos recebem certificado de participação em cerimônias formais.

Os objetivos específicos do programa incluem:

Desenvolver nos jovens estudantes habilidades que lhes permitam evitar influências negativas em questões afetas às drogas e violência, promovendo os fatores de proteção.
Estabelecer relações positivas entre alunos e policiais militares, professores, pais, responsáveis legais e outros líderes da comunidade escolar.
Permitir aos estudantes enxergarem os policiais militares como servidores, transcendendo a atividade de policiamento tradicional e estabelecendo um relacionamento fundamentado na confiança e humanização.
Estabelecer uma linha de comunicação entre a Polícia Militar e os jovens estudantes.
Abrir um diálogo permanente entre a "Escola, a Polícia Militar e a Família", para discutir questões correlatas à formação cidadã de crianças e adolescentes (MELO, 2018, p. 01).

Assim sendo, muitas são as estratégias que podem ser usadas por gestores e coordenadores na prevenção e combate à violência presente nas escolas. Esse combate só tem real efetividade quando família e comunidade escolar se aproximam da escola e auxiliam nesse processo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados encontrados a partir dos dados coletados por meio da aplicação de questionários para 20 professores, 3 coordenadores pedagógicos, diretor e 3 vice-diretores. Os participantes da pesquisa estão identificados com letras (A, B, C,..) para garantir a sua confidencialidade.

A análise de dados e a discussão dos resultados foram de suma importância para compreensão dos fatos que levam a ocorrência da violência na referida instituição de ensino e das possíveis intervenções que poderão ser feitas a partir desse estudo.

Portanto, primeiramente apresento a análise e discussão, à luz da teoria que embasa este estudo, dos dados coletados pelo questionário referente aos professores, em seguida dos coordenadores pedagógicos e por último os resultados do questionário referente ao diretor e vice-diretores.

4.1 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA SOB A VISÃO DOS PROFESSORES

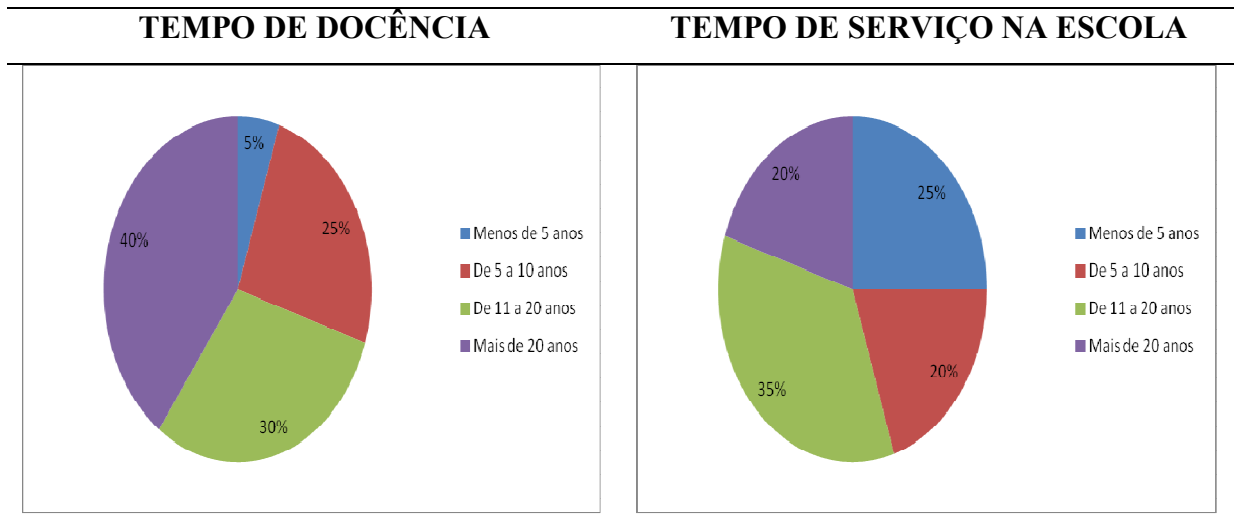
Apresenta-se nesse subtítulo o tratamento dos dados do questionário aplicado aos professores. Foram pesquisados vinte professores, o que equivale a 45% dos professores atuantes na escola. Entre os pesquisados, apenas dois são do sexo masculino e os demais do sexo feminino, pois, na escola, atuam somente quatro professores do sexo masculino e um desses é vice-diretor, os demais são todas mulheres.

O primeiro questionamento que foi sobre o vínculo dos professores com a escola. A maior parte dos professores (13) é efetiva na escola e os demais (7) possuem contrato temporário.

Os professores foram questionados também sobre o tempo de docência e o tempo que atuam na escola pesquisada.

Através da tabela 1 é possível constatar que 40% dos professores pesquisados exercem a docência há mais de 20 anos, tendo acompanhado as mudanças que foram ocorrendo na sociedade e na escola ao longo de todos esses anos, mudanças essas que foram fundamentais para se chegar a realidade escolar que temos hoje. A maior parte (35%) dos professores pesquisados estão trabalhando na escola de 11 a 20 anos, tendo muito conhecimento sobre os alunos que a frequentam e das medidas adotadas pela escola diante da indisciplina e dos casos de violência.

TABELA 1 – Tempo de atuação dos professores na escola pesquisada.

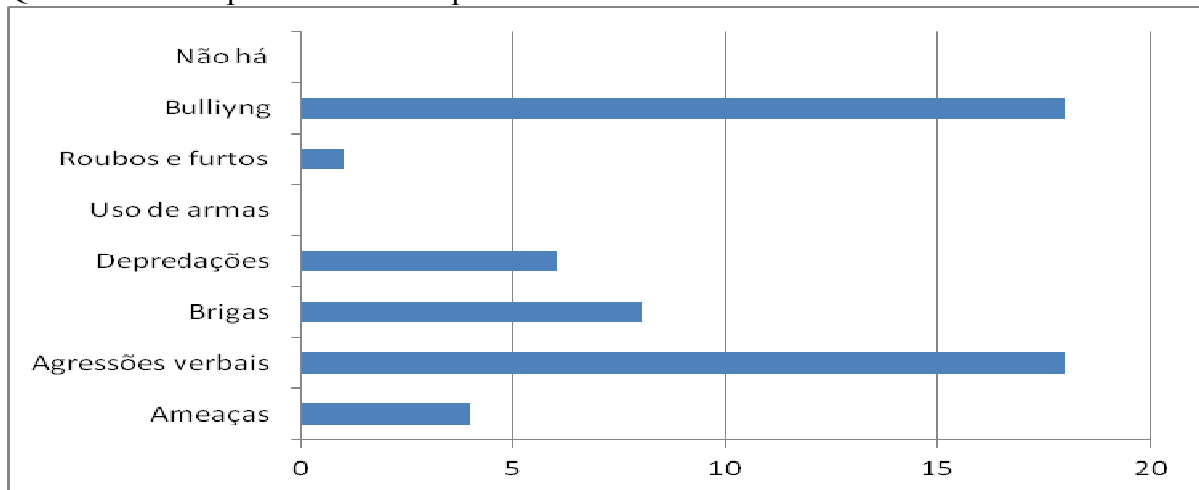


Fonte: Questionário aplicado aos professores.

Quando questionados se acontecem casos de violência na escola, 10 professores responderam não muitos, 8 responderam poucos e apenas 2 responderam muito, assim, na visão dos professores a escola não é considerada violenta.

Apesar de a escola ser considerada pouco violenta, ocorrem vários tipos de violência em seu interior como apresentado no quadro 1.

QUADRO 1 – Tipos de violência que mais ocorrem na escola.



Fonte: Questionário aplicado aos professores.

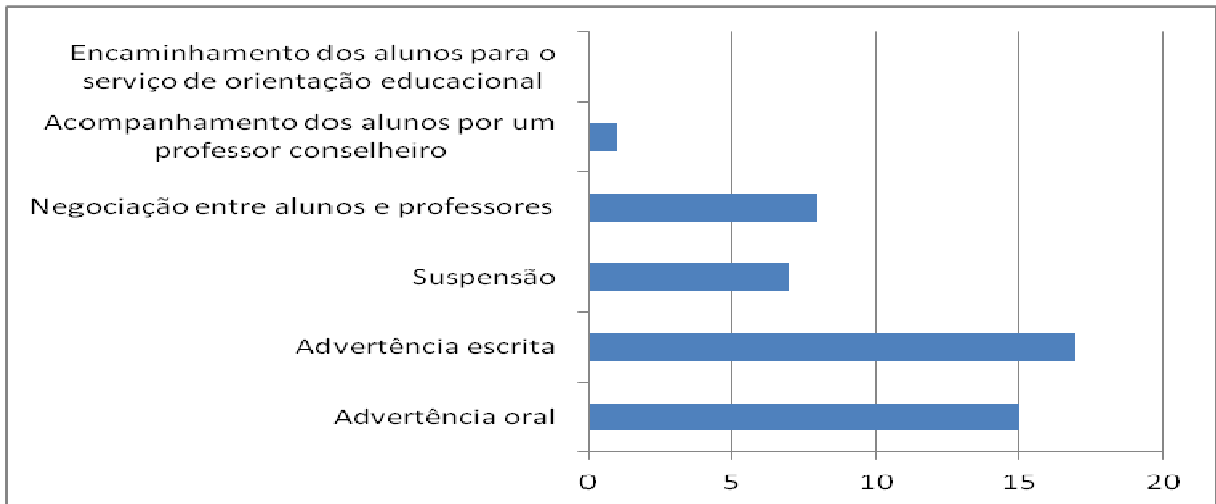
A escola é considerada pouco violenta devido ao fato de não ter muita violência física como roubos, brigas e uso de armas porém, existe violência psicológica: uma violência sutil, velada, que é tanto ou mais prejudicial quanto a violência física por que desrespeita o outro de maneira prolongada através de atitudes cruéis e intimidatórias causando sofrimento e intimidação naquele que é atingido.

Fante (2005) destaca que os alunos que são submetidos ao *bullying* dentro da escola

[...] acabaram por criar zonas doentes, que funciona como “vírus psíquico” da mente, ou “janelas killers”, verdadeiro ancoradouro que aprisiona as emoções humanas, impede suas vítimas de adquirirem habilidades de autodefesa e de socialização, além de prejudicar seu desenvolvimento socioeducacional na medida que promove seu isolamento. (FANTE, 2005, P. 24).

Por isso é muito importante que a escola promova o combate a esse tipo de agressão através de medidas que repreendam e conscientizem o agressor fazendo com que o mesmo não venha a repetir esse tipo de violência. A questão 2.3 era sobre “quais as medidas mais adotadas pela sua escola nos processos disciplinares dos alunos?”. O resultado se encontra no Quadro 2.

QUADRO 2 – Medidas adotadas pela escola nos processos disciplinares de combate à violência.



Fonte: Questionário aplicado aos professores.

A advertência oral e escrita foram as medidas mais citadas pelos professores, pois quando acontece qualquer episódio de violência, o aluno é chamado para uma conversa com os diretores e coordenadores pedagógicos, é feita uma advertência por escrito e é comunicado os pais ou responsáveis do ocorrido. Após três advertências, o aluno é convidado a se retirar da sala de aula por três dias, porém fica na escola, em espaços como a biblioteca ou sala de coordenação fazendo trabalhos ofertados por seus professores.

Muitas vezes, o problema é resolvido dentro de sala de aula mesmo através do diálogo entre agressores, agredidos e o professor que está presente no momento.

Os resultados da questão 2.4 “que ações da gestão, em sua opinião, são mais eficazes no tratamento da violência escolar?” se apresentam no Quadro 3.

QUADRO 3 – Ações mais eficazes no tratamento da violência escolar.



Fonte: Questionário aplicado aos professores.

Através do quadro 3 é possível identificar que os professores consideram a família como uma ferramenta fundamental no combate a violência escolar. Prado (1981) afirma que a família representa o alicerce para que o indivíduo construa uma boa estrutura social, pois é dentro do espaço familiar que a criança determina os primeiros relacionamentos, que depois abrangerá a escola e por fim a sociedade. Por isso, a participação da família na vida da criança é de suma importância, é ela que servirá de modelo de relacionamentos para que, mais tarde, ela se relacione com outras pessoas.

Outra forma de combate à violência é a promoção de palestras, debates e seminários sobre o tema, o que se completa com a terceira opção mais marcada que é o diálogo. É preciso manter aberta a possibilidade de falar, de expor suas ansiedades e desejos e ouvir as ansiedades e desejos do outro, conseguir reconhecer-se no outro só ocorre através de diálogo.

A questão 2.5 “você considera as medidas adotadas pela sua escola as mais adequadas?” teve 18 respostas positivas e duas negativas. As negativas foram justificadas da seguinte forma: Professor A “Acho que devemos ampliar as medidas e sermos mais rígidos. Adotar as mesmas medidas nos três turnos da escola”. Professor B “Por falta de profissionais não se tem muito o que fazer, seria ideal um encaminhamento para profissionais como psicólogos e orientadores educacionais.”

Quando questionados se a suspensão é a melhor maneira de combater a violência, 6 professores responderam sim e 14 responderam não. A justificativa mais utilizada para a resposta não foi que a suspensão não é solução para o problema, ela não ajuda o aluno a repensar suas atitudes e não o ajuda a mudar. O professor C reporta que “Suspensão não resolve o pro-

blema. Acho uma forma de eximir. É importante buscar ajuda e meios de resolver o problema”. O Professor D complementa que: “Para combater a violência devemos resolver o problema e não isolá-lo da sociedade, precisamos dialogar para sanar o problema, caso não resolva buscar alternativas que não sejam a suspensão”. Professor J: “A suspensão pode ser eficaz em casos graves, mas o diálogo, conversa sempre é o melhor caminho”.

Por fim, os professores foram convidados a sugerir para a direção da escola, estratégias de combate à violência e promoção da paz no contexto escolar. Os professores destacaram novamente a importância da família, do diálogo e de palestras que tratem do tema violência.

Isso se observa na fala de alguns professores pesquisados: Professor A: “Trabalhar em conjunto com a família, conhecer a realidade do aluno e manter o diálogo ouvindo sempre mais, valorizando atitudes positivas”. Professor R: “Promover mais palestras, trazendo pessoas especiais e diretas que saibam trabalhar esses assuntos com os adolescentes”. Professor E “Mediar os conflitos logo que surgem e não esperar, para que o problema não fique maior”. Professor G “Aproximar mais a família da escola, fazendo com que a família participe e fique por dentro do que está se passando durante a vida escolar de seu filho”. Professor L “Trazer a família para a escola. Tentar achar o motivo, o que está causando a violência e procurar os profissionais adequados para tentar solucionar, junto aos pais”.

Para finalizar essa análise, recorre-se a Santos (2014) que diz que a presença da família na escola contribui muito no intuito de a escola conhecer melhor seus alunos e aqueles que lhes são próximos, e pode, desse modo, inteirar-se das suas necessidades. Assim, todos serão capazes de reconhecer e avaliar qual o melhor procedimento a ser tomado frente a problemas que envolvem os alunos.

4.2 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA SOB A VISÃO DA EQUIPE GESTORA

Tendo em vista o fato de que a equipe gestora é composta de diretor, vice-diretores e coordenadores pedagógicos e que as tomadas de decisão importantes são realizadas em conjunto, optou-se por tratar os dados em um só momento. Os integrantes da equipe serão tratados pelo sexo masculino.

A equipe é composta por 7 professores, sendo 1 diretor, 3 vice-diretores e 3 coordenadores pedagógicos, divididos nos 3 turnos de funcionamento da escola. Suas identificações são apresentadas na tabela 2.

TABELA 2 – Identificação da equipe gestora

Identificação	Idade (anos)	Tempo de serviço na escola (anos)	Formação inicial	Formação continuada (pós-graduação)
Diretor	49	27	Artes plásticas, Arte Educação	Criatividade
Vice-diretor A	52	27	Letras - Português, Inglês	
Vice-diretor B	55	29	Geografia	Interdisciplinaridade
Vice-diretor C	62	20	Letras – Português, Inglês e Literatura Brasileira	Interdisciplinaridade
Coordenador A	43	17	Matemática	Matemática, coordenação e supervisão escolar.
Coordenador B	45	27	Matemática	Matemática, Gestão, coordenação e supervisão escolar.
Coordenador C	48	9	Letras – Português e Literatura	Interdisciplinaridade

Fonte: Questionário aplicado aos professores.

Quando questionados sobre o que consideram violência escolar todos se manifestaram dizendo que é qualquer tipo de violência, seja física, psicológica ou ao patrimônio público que ocorre dentro do ambiente escolar. Vice-diretor B complementa que “é uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade. É o desrespeito aos direitos do outro”. Vice-diretor C reforça que é “tudo que extrapola a boa relação, a boa convivência e a harmonia entre as partes”.

A equipe gestora não considera a escola violenta, pois são poucos os casos de violência física. Em relação aos casos de violência que são presenciados no cotidiano da Escola destaca-se a violência psicológica, retratada através do *bulliyng* e agressões verbais entre os alunos, ocorrem também alguns casos isolados de danos ao patrimônio.

A questão 2.4 a opinião da equipe sobre quais os fatores colaboram para a ocorrência desse comportamento violento entre os alunos. A desestrutura familiar foi citada por todos da equipe, seguido de desigualdades sociais. De acordo com o diretor “falta de limites, desestrutura familiar, necessidade de pertencimento a um grupo, desigualdade social...”.

VAITSMAN (1994), afirma que as famílias estão se desfazendo a cada momento, surgindo outras em seu lugar, e os valores impostos pela sociedade vão sendo modificados a cada dia. Não existe mais um padrão tradicional de família, mas sim lares modificados onde convivem filhos, pais, enteados, entre outras pessoas que hoje passam a conviverem juntas com algum objetivo.

Prado (1981, p. 9) afirma que, embora em momentos difíceis “A família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal”.

A família representa o alicerce para que o indivíduo construa uma boa estrutura social, pois é dentro do espaço familiar que a criança determina os primeiros relacionamentos, que depois abrangerá a escola e por fim a sociedade. Por isso, a participação da família na vida da criança é de suma importância, é ela que servirá de modelo de relacionamentos para que, mais tarde, ela se relacione com outras pessoas.

A resposta da questão 2.5 se confunde com a resposta anterior, pois, quando perguntado se existe características comuns entre os alunos que praticam atos violentos, citaram novamente as famílias: famílias com graves problemas de relacionamentos, baixo poder aquisitivo, o fato de não imporem limites. Todos esses fatores associados resultam na indisciplina, agressividade, intolerância às regras da escola e da sociedade como um todo. De acordo com o vice-diretor C as características comuns a esses alunos são “acomodação, não leem, o que gera pouco conhecimento, ignorância”.

As atitudes tomadas pela gestão da escola são decididas em conjunto com toda equipe diretiva. De acordo com a vice-diretora A “começamos sempre pelo diálogo, questionamos os envolvidos sobre o que motivou a violência e argumentamos que a violência não é o caminho na resolução de conflitos. Na sequência, seguimos os indicativos escolares (advertência escrita e comunicado aos pais). Em casos mais graves, consultamos o CIPAVE e também é informado o conselho tutelar”. Os demais entrevistados compartilham das mesmas ideias apresentadas pela vice-diretora A e dão ênfase ao diálogo, como fala o coordenador A “muito diálogo com os alunos e em seguida com os pais ou responsáveis”. Essa ideia de diálogo como mediação se reforça nas ideias de NUNES (2011):

A mediação é uma ótima ferramenta para lidar com os conflitos interpessoais ocorridos na escola, principalmente quando eles envolverem poucas pessoas, como, por exemplo, autor e vítima, e se referirem a infrações escolares mais simples, embora possa também ser usada para conflitos com várias pessoas, com a mesma sistemática. (NUNES, 2011, p. 84).

O diretor cita que, em casos mais graves, é recorrido a Rede de Apoio a Escola (RAE), composta por conselho tutelar, psicólogos, brigada militar, CPM, promotoria e demais órgãos da sociedade ligados as crianças e adolescentes. Em uma pesquisa da autora Abramovay (2002), ela relata que:

Outro ator indispensável na questão da violência nas escolas é a polícia, representada pelos seus órgãos responsáveis pela atenção ao público escolar, especialmente o Batalhão Escolar do Distrito Federal e as Delegacias da Criança e do Adolescente (DCA) e de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA). (ABRAMOVAY, 2002, p. 79).

A questão 2.7 busca saber se a violência escolar interfere no processo de ensino/aprendizagem e de que forma. Toda a equipe considera que sim e muito. O coordenador A fala que por causa da violência “alunos são retirados da sala de aula, perdem conteúdo e ficam focados em outros assuntos e não na sua aprendizagem”, o coordenador B reporta que alunos que sofrem ou praticam atos de violência “já vem para a escola desestimulados, rebeldes, muitas vezes sem o material necessário, o que diminui o rendimento” assim, acaba “não se concentrando nas aulas, estando mais preocupado com a situação” complementa o coordenador C.

Alunos que sofrem *bullying* ou ameaças, que foi citado anteriormente por professores e reforçado pela equipe diretiva como os maiores problemas da escola, “geralmente são pessoas com dificuldades para reagir diante das situações agressivas, retraindo-se, o que pode contribuir para a evasão escolar, já que, muitas vezes, não conseguem suportar a pressão a que são submetidos”. (MARRIEL, 2006, P. 37).

Quando questionado se atos de violência interferem na gestão da escola todos consideraram que sim. Conforme a fala do diretor, “a equipe gestora ocupa boa parte do tempo resolvendo problemas de indisciplina, conflitos, *bullying*... muitas vezes deixamos de lado projetos e ações que poderiam beneficiar a toda a comunidade escolar”.

De acordo com Libâneo (2004) a gestão efetiva precisa estar organizada por um grupo onde são compartilhadas ideias e projetos de forma que as ideias possam ir se consolidando em torno de projetos muito mais que pessoas. É importante pensar o quanto a gestão das escolas em questão tem proporcionado momentos formativos de apoio aos professores para que eles possam desenvolver atitudes de acolhida de hospitalidade e não de hostilidade.

Para finalizar, a equipe foi questionada a relatar o que está sendo feito na escola para prevenir a violência escolar. Foram citadas ações e parcerias que tem ajudado a minimizar os poucos problemas que a escola possui:

- Contamos com a ajuda de várias entidades: CRAS, Conselho Tutelar, CIPAVE, Brigada Militar, Conselho Escolar, CPM, Promotoria e demais órgão ligados a uma Rede de Apoio a Escola (RAE);
 - Estabelecemos parcerias com as famílias;
 - Acompanhamento dos alunos por um professor conselheiro em cada turma;
 - Contamos com um sistema de monitoramento (câmeras) que nos dá maior segurança e inibe alguns atos infracionais;
 - Temos a presença de uma monitora que está sempre à disposição, circulando pela escola, cuidando e orientando os alunos;
 - Alunos “problemas” recebem uma atenção especial, são seguidamente chamados para uma conversa com a equipe;
 - São realizadas palestras e reprodução de vídeos relacionados ao tema;
 - Os professores trabalham de forma interdisciplinar, enfocando, sempre que julgarem necessário, temas como violência, sexo, drogas, desemprego, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe a tona uma série de questões importantes, levando em consideração os principais problemas que a escola vem enfrentando nos últimos anos. A violência tem sido considerada por professores e gestores, um obstáculo à educação, prejudicando o seu trabalho na promoção do conhecimento e da cidadania. A violência sutil apresenta-se como um processo crescente e contínuo que se encontra no ambiente escolar, levando muitos a confundirem e denominarem como “brincadeiras comuns na infância”.

A escola é o ambiente, provavelmente, mais favorável para que estas relações conflituosas se estabeleçam, pois oportuniza o encontro de diferentes formas de pensar e agir. Diferentes realidades socioculturais que tornam a escola um ambiente extremamente diversificado, sendo promotor de encontros afetuosos e conflitantes.

Vários são os fatores associados às crianças e adolescentes agressores, pode ser à dificuldade que as crianças experimentam, ao lidar com os processos normativos impostos pela escola. Poder econômico, necessidade de pertencimento a um grupo e autoafirmação também são fatores que podem levar o aluno a praticar atos violentos contra os demais.

Os sujeitos dessa pesquisa apresentam como principal fator na Escola pesquisada, problemas familiares, pois na família que possui problemas de relacionamento, muitas vezes não existem regras a serem seguidas, não existem limites para o que pode ou não ser feito. Essa inadequação pode conduzir a insatisfação do educando gerando indisciplina e violência, interrompendo o próprio processo de acolhida promovendo um desconforto a todos os sujeitos da instituição escolar.

É fundamental que a família apesar de sua estrutura esteja ciente de que é ela que propicia a base afetiva e sobre tudo material necessário ao desenvolvimento e bem estar de seus filhos desempenhando uma função decisiva na educação formal, pois é no âmbito familiar que são desenvolvidos os valores éticos e humanitários, base de qualquer processo de formação.

O questionário que foi aplicado aos professores retratou as opiniões de 20 professores que representam todos os demais, assim, foi possível perceber que não ocorrem casos de violência física na escola, entretanto são comuns os casos de violência psicológica com agressões verbais e *bullying*. A violência psicológica ocorre quase que diariamente e é a mais difícil de se perceber, pois na maioria das vezes é vista como uma “brincadeira” entre os alunos e não é levada muito a sério por professores e gestores. Através de seus relatos é

possível ressaltar a importância de ser trabalhado o tema com toda a comunidade escolar, através de palestras e seminários como forma de prevenção, destacando que o diálogo é a melhor forma de resolver esses conflitos. As práticas educativas centradas no diálogo são as estratégias mais eficazes para que a gestão escolar alicerçada nos princípios democráticos realmente aconteça.

O questionário com a equipe gestores apresentou o mesmo ambiente que os professores relataram: uma escola que não é violenta, apenas desarmoniosa em alguns momentos, com casos de agressão verbal e *bullying* como principais causadores de desarmonia.

A violência que se apresenta nesses momentos é prejudicial não somente para os alunos que são agressores e/ou vítimas, mas também para o bom andamento do trabalho de gestores que acabam designando muito tempo na resolução de problemas e pouco tempo na produção de projetos e atividades que visem o combate e a prevenção da violência. Além disso, os alunos ficam fora da sala de aula, se preocupando com outros fatores e não sua aprendizagem.

Assim a importância do trabalho de prevenção à violência se intensifica, pois os métodos utilizados quando ocorre a violência são considerados adequados, muito diálogo e apoio de demais entidades quando é preciso, o que falta, são políticas e ações de conscientização e prevenção à violência.

Entende-se que a equipe diretiva é um setor da comunidade escolar que tem como função principal, possibilitar a construção de um ambiente social cooperativo e de acolhimento ao outro, buscando alternativas para reduzir a violência escolar. Devido a isso, destaca-se a importância de uma gestão totalmente democrática, o que pressupõe a participação da comunidade, o diálogo e normas claras, explicadas e negociadas diante dos casos de violência escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. V. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2002.
- ABRAMOVAY, M. **Violências no cotidiano das escolas**. In: Escola e Violência. Brasília: Unesco, UCB, 2002.
- ALVES, R. Só aprende quem tem fome. **Nova Escola**, São Paulo, n.152, 2002.
- ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. **Caderno de Pesquisa**. PUC: Rio de Janeiro. n.113, p.51- 64, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARRETTO. Elba Siqueira de Sá. Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p.427-443, maio/ago.2010.
- BIANCHI, Paula. **Violência impede mil alunos de estudar por dia no Rio; escola onde aluna morreu lida com tiroteios**. Rio de Janeiro. 23/10/2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/23/o-dia-a-dia-de-tiroteios-na-escola-onde-uma-aluna-morreu-no-rio-violencia-impede-1-mil-alunos-de-estudar-por-dia.htm>. Acesso em: 15 Set. 2018.
- BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto editora, 1994.
- BRASIL ESCOLA. Bullying. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.html>. Acesso em: 01 Out. 2018.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL, LDB. **Lei 9394/96** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 10 Mai. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei n. 13.010**, de 26 de junho de 2014. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2014. Disponível em: < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 10 Mai. 2018.
- CANCELIER, S. R. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. Produções didático-pedagógicas. **Cadernos PDE**, v. 2. 2013.
- CARNEIRO, M. A. **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. Petrópolis, 2000.

CIDADE, A. P. S. **Bullying Escolar** – Uma realidade ainda desconhecida. Monografia. 49f. Centro Universitário do Distrito Federal – UDF Coordenação do Curso de Direito, Brasília, 2008.

CIPAVE. **Cartilha de educação e comportamento**. Disponível em: <http://www.cipave.rs.gov.br/upload/arquivos/201610/25112103-cartilha-adolescente.pdf>. Acesso em: 01 Out. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Bullying**: cartilha 2010 – projeto justiça nas escolas. Brasília: FMU, 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000014963.pdf>>. Acesso em: 15 Mai 2018.

DEBARBIEUX, É. **Violência nas escolas**: dez abordagens europeias. Brasília: UNESCO, 2002.

DUARTE, R. In: Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**: São Paulo, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.

FERNANDEZ, A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, L. A. M. **Direito da criança e do adolescente**: direito fundamental à educação. Presidente Prudente – SP, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GUIMARÃES, A. M. O cinema e a escola: formas imagéticas da violência, **Caderno Cedex**, ano XIX, n. 47, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 15 Abr. 2018.

KARPINSKI, V. L. D. Desafios e possibilidades de combate à evasão escolar no período noturno do C. E. São Cristóvão no município de União da Vitória/PR. In: Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. Artigos **Cadernos PDE**, v. 1. 2014.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação – O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LIBÂNIO, J. C. **Organização e gestão da escola**. Goiânia/GO: Alternativa, 2004.

LUCK, H. **Ação integrada – Administração, supervisão e orientação educacional**. Vozes, 2001.

LUCK, H. et al. **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARRIEL, L. C. *et al.* **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. Cadernos de Pesquisa: São Paulo, v. 36, n. 127, Apr. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Out. 2018.

MEDEIROS, F. **Para o filósofo inglês Hobbes, o homem é essencialmente mau**. Recife-PE. 01/11/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2013/11/para-o-filosofo-ingles-hobbes-o-homem-e-essencialmente-mau.html>>. Acesso em: 25 Set. 2018.

MELLO, S. S.; TRAJBER, R., (coord.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**– Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

MELO, S. T. O. Revisão histórica do programa educacional de resistência às drogas: uma estratégia eficiente e de baixo custo adotada pela Polícia Militar de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/proerd/02052017135803991.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2018.

MORESI, E. (Org.). **Metodologia de Pesquisa**, Universidade Católica de Brasília, 2003.

NERI, M. C. Coord. **O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

PADIAL, K. **Conversar para resolver conflitos**. 01 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/185/conversar-para-resolver-conflitos>>. Acesso em: 24 Set. 2018.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ª Ed. Porto alegre: Artes médicas, 1992.

PONTE, J. P. **Estudos de caso em educação matemática**. Bolema, 25, 105-132. Este artigo é uma versão revista e atualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. (2006).

RISTUM, M. **A violência doméstica e as implicações da escola**. Temas em Psicologia da SBP, 2009.

ROCHA, M. O.; COSTA, C. L.; NETO, I. P. Bullying e o papel da sociedade. **Cadernos de Graduação** - Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.

SANTOS, C. A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial. 2014. 61 f. **Monografia** (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

SILVA, H. H. C. **O que um professor pode aprender com um cronópio**. Ou visitando velhos problemas da escola brasileira. Rio de Janeiro, 1995.

SILVA, M. A.; PEREIRA, B. A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. In: BONITO, Jorge (Org.). **Educação para a saúde no século XXI**: teorias, modelos e práticas. Évora: CIEP, 2008.

SILVA, P. N. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L. *Cyberbullying*: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: GUIMARAES, Á. M.; PACHECO E ZAN, D. D. **Anais do I Seminário Violar**: Problematizando juventudes na contemporaneidade. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010. - CDROM ISSN: 2178-1028.

VAISTAMAN, J. **Flexíveis e Plurais – Identidades, casamento e família em circunstâncias pós-moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIANA, N. **Escola e violência**. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

ZALUAR, A. Violência e crime. In: **O Que Ler na Ciência Social Brasileira**, v.1 – Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré/Associação Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1999.

APÊNDICE 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

CARTA DE APRESENTAÇÃO

O Curso de Especialização em Gestão Educacional da UAB/ UFSM vem apresentar a acadêmica Lisiane Mattei à Direção desta Instituição de Ensino. A referida acadêmica está na fase de elaboração da monografia intitulada **Os desafios da gestão educacional diante da violência escolar em uma escola estadual de Trindade do Sul/RS**.

O objetivo da inserção da acadêmica na Instituição, diz respeito à coleta de informações de sua pesquisa de conclusão de Curso, cujo objetivo é investigar as contribuições da Gestão educacional no combate à violência escolar e na promoção da paz.

Ressaltamos que a oportunidade concedida pela Instituição, constituir-se-á em relevantes momentos para a construção do estudo, que resultará na ampliação dos conhecimentos teóricos relacionados com as temáticas pesquisadas.

Agradecemos sua colaboração.

Tio Hugo, Outubro de 2018.

Profª. Dr. Belkis Souza Bandeira
Orientadora

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Os desafios da gestão educacional diante da violência escolar em uma escola estadual de Trindade do Sul/RS.

Pesquisadora responsável: Lisiane Mattei

Orientadora: Belkis Souza Bandeira

Instituição: UAB/ UFSM.

Telefone para contato: (54) 99925 0143

Prezado(a) Colaborador(a):

Você está sendo convidado(a) para responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Este estudo tem como objetivo geral é investigar as contribuições da Gestão educacional no combate à violência escolar e na promoção da paz.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam:

1 Identificação

1.1 Idade

1.2 Tempo de serviço na escola

1.3 Formação

2. Percepção do local de trabalho

2.1 O que é violência escolar em sua opinião?

2.2 Você considera essa escola violenta?

2.3 Quais os casos mais comuns de violência que você presencia no dia-a-dia da escola? (agressão física, agressão verbal, violência psicológica, violência contra o patrimônio, etc.)

2.4 Em sua opinião que fatores colaboram para a ocorrência desse comportamento violento entre os alunos?

2.5 Há características comuns entre os alunos que apresentam comportamento violento? Quais?

2.6 Qual sua atitude diante desses casos de violência atendidos na escola?

2.7 A violência escolar interfere no processo de ensino/aprendizagem? De que forma?

2.8 A violência escolar interfere na gestão da escola? De que forma?

2.9 O que está sendo feito para prevenir a violência escolar e instalar um clima de paz no interior e arredores da escola?

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Tio Hugo, 09 de outubro de 2018.

Lisiane Mattei
Professora Autora da Pesquisa

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Os desafios da gestão educacional diante da violência escolar em uma escola estadual de Trindade do Sul/RS.

Pesquisadora responsável: Lisiane Mattei

Orientadora: Belkis Souza Bandeira

Instituição: UAB/ UFSM.

Telefone para contato: (54) 99925 0143

Prezado(a) Colaborador(a):

Você está sendo convidado(a) para responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Este estudo tem como objetivo geral é investigar as contribuições da Gestão educacional no combate à violência escolar e na promoção da paz.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam:

1. Identificação

1.1 Vínculo profissional

Efetivo

Temporário

1.2 Anos de docência

- Menos de cinco anos
- De 5 a 10 anos
- De 11 a 20 anos
- Mais de 20 anos

1.3 Anos de serviço na escola

- Menos de cinco anos
- De 5 a 10 anos
- De 11 a 20 anos
- Mais de 20 anos

2. Violência na escola

2.1 Acontecem casos de violência na sua escola?

- Muitos
- Não muitos
- Poucos

2.2. Quais os tipos de violência que mais ocorrem na escola?

- Ameaças
- Agressões verbais
- Brigas
- Depredações
- Uso de armas
- Roubos e furtos
- Bullying
- Não há

2.3 Qual a medida mais adotada pela sua escola nos processos disciplinares dos alunos?

- Advertência oral
- Advertência escrita
- Suspensão
- Negociação entre direção e alunos
- Acompanhamento dos alunos por um professor conselheiro
- Encaminhamento dos alunos para o serviço de orientação educacional

2.4- Que ações da gestão, em sua opinião, são mais eficazes no tratamento da violência escolar?

- Dialogar, conversar, ouvir mais os alunos
- Punir de forma mais severa e redobrar a vigilância
- Recorrer à polícia em casos mais graves de violências
- Promover palestras, debates e seminários sobre o tema “violências
- Estabelecer parcerias com a família
- Incentivar e propiciar a interdisciplinaridade, enfocando temas como violência, sexo, drogas, desemprego e outros.

2.5 – Você considera as medidas adotadas pela sua escola as mais adequadas?

- Sim
- Não

2.6 - Se respondeu NÃO, justifique.

2.7 – Você entende que a suspensão é a melhor maneira de combater a violência?

- Sim
- Não

2.8 – Se respondeu NÃO, justifique.

2.9 – Como professor, que estratégia sugeriria à direção da escola para reduzir o número de casos de violência e instalar um clima de paz no contexto escolar?

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Tio Hugo, 09 de outubro de 2018.

Lisiane Mattei
Professora Autora da Pesquisa

APÊNDICE 4 – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título da monografia: Os desafios da gestão educacional diante da violência escolar em uma escola estadual de Trindade do Sul/RS.

Pesquisador responsável: Lisiane Mattei

Instituição/Departamento: Escola Estadual de Ensino Médio Zenir Ghizzi da Silva

Telefone para contato: (54) 99924 0143

O pesquisador do presente projeto se compromete a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados através de um questionário realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Zenir Ghizzi da Silva. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente trabalho. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas sob a responsabilidade da Professora Pesquisadora Lisiane Mattei. Após este período, os dados serão destruídos.

Tio Hugo, 09 de outubro de 2018.

.....
Lisiane Mattei

APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS.

1 Identificação

1.1 Idade

1.2 Tempo de serviço na escola

1.3 Formação

2. Percepção do local de trabalho

2.1 O que é violência escolar em sua opinião?

2.2 Você considera essa escola violenta?

2.3 Quais os casos mais comuns de violência que você presencia no dia-a-dia da escola? (agressão física, agressão verbal, violência psicológica, violência contra o patrimônio, etc.)

2.4 Em sua opinião que fatores colaboram para a ocorrência desse comportamento violento entre os alunos?

2.5 Há características comuns entre os alunos que apresentam comportamento violento? Quais?

2.6 Qual sua atitude diante desses casos de violência atendidos na escola?

2.7 A violência escolar interfere no processo de ensino/aprendizagem? De que forma?

2.8 A violência escolar interfere na gestão da escola? De que forma?

2.9 O que está sendo feito para prevenir a violência escolar e instalar um clima de paz no interior e arredores da escola?

APÊNDICE 6 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. Identificação

1.1 Vínculo profissional

- Efetivo
- Temporário

1.2 Anos de docência

- Menos de cinco anos
- De 5 a 10 anos
- De 11 a 20 anos
- Mais de 20 anos

1.3 Anos de serviço na escola

- Menos de cinco anos
- De 5 a 10 anos
- De 11 a 20 anos
- Mais de 20 anos

2. Violência na escola

2.1 Acontecem casos de violência na sua escola?

- Muitos
- Não muitos
- Poucos

2.2. Quais os tipos de violência que mais ocorrem na escola?

- Ameaças
- Agressões verbais
- Brigas
- Depredações
- Uso de armas
- Roubos e furtos
- Bullying
- Não há

2.3 Qual a medida mais adotada pela sua escola nos processos disciplinares dos alunos?

- Advertência oral
- Advertência escrita
- Suspensão
- Negociação entre direção e alunos
- Acompanhamento dos alunos por um professor conselheiro
- Encaminhamento dos alunos para o serviço de orientação educacional

2.4- Que ações da gestão, em sua opinião, são mais eficazes no tratamento da violência escolar?

- Dialogar, conversar, ouvir mais os alunos
- Punir de forma mais severa e redobrar a vigilância

- Recorrer à polícia em casos mais graves de violências
- Promover palestras, debates e seminários sobre o tema “violências
- Estabelecer parcerias com a família
- Incentivar e propiciar a interdisciplinaridade, enfocando temas como violência, sexo, drogas, desemprego e outros.

2.5 Você considera as medidas adotadas pela sua escola as mais adequadas?

- sim
- não

2.6 Se respondeu NÃO, justifique.

2.7 Você entende que a suspensão é a melhor maneira de combater a violência na escola?

- sim
- não

2.8 Se respondeu NÃO, justifique.

2.9 Como professor, que estratégias sugeriria à direção da escola para reduzir o número de casos de violência e instalar um clima de paz no contexto escolar?